



COMUNICADO DE IMPRENSA

Relatório sobre a epidemia de AIDS mostra que metas para 2020 não serão cumpridas; COVID-19 pode prejudicar resposta ao HIV

As metas não cumpridas resultaram em 3,5 milhões a mais de infecções por HIV e 820.000 mortes a mais relacionadas à AIDS, desde 2015.

A resposta à AIDS pode retroceder em 10 anos ou mais, se a pandemia de COVID-19 provocar graves interrupções nos serviços de HIV.

Genebra, 6 de julho de 2020—Um novo relatório do UNAIDS mostra um progresso significativo, mas altamente desigual, principalmente na expansão do acesso à terapia antirretroviral. Como as conquistas não foram compartilhadas igualmente dentro dos países e entre eles, as metas globais de HIV estabelecidas para 2020 não serão alcançadas.

O relatório, intitulado *Agarrar a oportunidade: enfrentando as desigualdades enraizadas para acabar com epidemias (na tradução livre de Seizing the Moment: tackling entrenched inequalities to end epidemics)*, alerta para o fato de que os ganhos obtidos até agora podem ser perdidos e o progresso interrompido se não agirmos. O relatório destaca que os países precisam redobrar seus esforços e agir com maior urgência para alcançar as milhões de pessoas ainda deixadas para trás.

"Serão necessárias, em todos os dias desta próxima década, ações decisivas para colocar o mundo de volta nos trilhos rumo à meta de acabar com a epidemia de AIDS até 2030", disse Winnie Byanyima, diretora executiva do UNAIDS. "Milhões de vidas foram salvas, particularmente as vidas de mulheres na África. O progresso alcançado por muitos precisa ser compartilhado por todas as comunidades em todos os países. O estigma, a discriminação e as desigualdades generalizadas são os principais obstáculos ao fim da AIDS. Os países precisam se guiar pelas evidências e assumir suas responsabilidades em relação aos direitos humanos."

Quatorze países atingiram as metas de tratamento 90-90-90 (90% das pessoas que vivem com HIV conhecem seu estado sorológico positivo para o vírus; destas, 90% estão em tratamento antirretroviral; e destas, 90% têm carga viral suprimida). Entre estes países está Eswatini, que tem uma das mais altas taxas de prevalência de HIV do mundo, com 27% em 2019, e que, ao ter superado as metas de 2020, caminha para alcançar as metas 95–95–95, previstas para 2030.

Milhões de vidas foram salvas e milhões de novas infecções por HIV foram evitadas graças ao aumento do acesso à terapia antirretroviral. No entanto, 690.000 pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS no ano passado e um terço (12,6 milhões) das 38 milhões de pessoas que vivem com HIV não tinham acesso ao tratamento capaz de salvar vidas.



“Não podemos descansar à sombra dos louros alcançados, nem nos desencorajarmos por causa dos contratempos. Devemos garantir que nenhuma pessoa seja deixada para trás. Temos que fechar as lacunas. Nosso objetivo é 100-100-100”, disse Ambrose Dlamini, primeiro-ministro de Eswatini.

As metas para 2020 e a realidade

O mundo está muito atrasado na prevenção de novas infecções por HIV. Cerca de 1,7 milhão de pessoas foram infectadas com o vírus, mais de três vezes acima da meta global, que previa baixar as novas infecções para 500.000 até 2020. Houve um progresso no leste e sul da África, onde as novas infecções por HIV diminuíram 38% desde 2010. Isso contrasta fortemente com a região da Europa Oriental e Ásia Central, que registrou um aumento impressionante de 72% nas novas infecções por HIV desde 2010. Novas infecções por HIV também aumentaram 22% no Oriente Médio e Norte da África e 21% na América Latina.

O relatório *Agarrar a oportunidade* mostra um progresso desigual, com muitas pessoas e populações vulneráveis deixadas para trás. Apesar de constituírem uma proporção muito pequena da população geral, cerca de 62% das novas infecções por HIV ocorreram entre populações-chave e seus parceiros sexuais, incluindo gays e outros homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo, pessoas que usam drogas e pessoas privadas de liberdade.

O estigma e a discriminação, juntamente com outras desigualdades e exclusões sociais, tem se mostrado como barreiras principais. Populações marginalizadas que temem julgamento, violência ou prisão lutam para acessar serviços de saúde sexual e reprodutiva, especialmente aqueles relacionados à contracepção e à prevenção do HIV. O estigma contra pessoas vivendo com HIV ainda é comum: pelo menos 82 países criminalizam alguma forma de transmissão, exposição ou não divulgação do HIV; o trabalho sexual é criminalizado em pelo menos 103 países; e ao menos 108 países criminalizam o consumo ou posse de drogas para uso pessoal.

Mulheres e meninas da África subsaariana

Mulheres e meninas na África Subsaariana continuam sendo as mais afetadas e foram responsáveis por 59% de todas as novas infecções por HIV na região em 2019, com 4.500 meninas e mulheres jovens entre 15 e 24 anos infectadas por HIV por semana. As mulheres jovens representaram 24% das novas infecções por HIV em 2019, apesar de constituírem apenas 10% da população na África Subsaariana.

No entanto, onde os serviços de HIV são fornecidos de forma abrangente, os níveis de transmissão do HIV são reduzidos significativamente. Em Eswatini, Lesoto e África do Sul, uma alta cobertura de opções de prevenção combinada, incluindo apoio socioeconômico para mulheres jovens e altos níveis de cobertura de tratamento e supressão viral para populações anteriormente não alcançadas, reduziu as desigualdades e reduziu a incidência de novas HIV infecções.



HIV e COVID-19

A pandemia de COVID-19 impactou seriamente a resposta à AIDS e pode causar uma ruptura ainda maior. Uma interrupção completa de seis meses no tratamento do HIV pode causar mais de 500.000 mortes adicionais na África Subsaariana durante o próximo ano (2020-2021), trazendo a região de volta aos níveis de mortalidade por AIDS de 2008. Mesmo uma interrupção de 20% pode causar 110.000 mortes adicionais.

“Aqueles de nós que sobreviveram ao HIV e lutaram pela vida e pelo acesso a tratamentos e cuidados não podem se dar ao luxo de perder os ganhos obtidos com tanto esforço. Em alguns países da América Latina, estamos vendo como os recursos, medicamentos, equipe de saúde e equipamentos de HIV estão sendo movidos para a luta contra a COVID-19”, disse Gracia Violeta Ross, presidente da Rede Boliviana de Pessoas Vivendo com HIV. “Algumas boas lições e práticas da resposta ao HIV, como participação e responsabilidade significativas, estão sendo ignoradas. Não permitiremos que o HIV seja deixado para trás.”

Para combater estas epidemias convergentes de HIV e de COVID-19, o UNAIDS e seus parceiros estão liderando um chamado global pela Vacina Popular para a COVID-19, que foi assinada por mais de 150 líderes e especialistas mundiais exigindo que todas as vacinas, tratamentos e testes sejam realizados livres de patentes, produzidos em massa e distribuídos de maneira justa e gratuita para todos.

O UNAIDS também insta os países a aumentar os investimentos nas duas epidemias. Em 2019, o financiamento para o HIV caiu 7% em relação a 2017, para US \$ 18,6 bilhões. Esse revés significa que o financiamento está 30% abaixo dos US \$ 26,2 bilhões necessários para responder efetivamente ao HIV em 2020.

“Não podemos ter países pobres no final da fila. As pessoas não deveriam depender do dinheiro em seu bolso ou da cor de sua pele para serem protegidas contra esses vírus mortais”, disse Byanyima. “Não podemos pegar dinheiro de uma doença para tratar outra. Tanto o HIV quanto a COVID-19 devem ser totalmente financiados para evitar uma perda maciça de vidas.”

Contato

UNAIDS Genebra | Sophie Barton-Knott tel. +41 22 791 1697 / +41 79 514 6896 | bartonknotts@unaids.org
UNAIDS Media | tel. +41 22 791 4237 | Communications@unaids.org

UNAIDS

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) lidera e inspira o mundo para alcançar sua visão compartilhada de zero nova infecção por HIV, zero discriminação e zero morte relacionada à AIDS. O UNAIDS une os esforços de 11 organizações—ACNUR, UNICEF, PMA, PNUD, UNFPA, UNODC, ONU Mulheres, OIT, UNESCO, OMS e Banco Mundial—e trabalha em estreita colaboração com parceiros nacionais e globais para acabar com a epidemia da AIDS até 2030 como parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Saiba mais em unaids.org.br e se conecte com a gente no [Facebook](#), [Twitter](#) e [Instagram](#).